

Daniel Dias em Papel-Jornal – a representação do atleta paralímpico pela imprensa¹

Tatiane HILGEMBERG²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

Ao analisarmos os estudos sobre grupos minoritários percebemos que grande parte dos mesmos trata o conceito de estereótipo atrelado à questão racial ou de gênero, com raríssimos trabalhos relacionados à questão da deficiência, isso evidencia a importância do tema. O estudo em questão pretende apresentar e discutir as representações do atleta Daniel Dias tanto em relação aos estereótipos associados quanto em termos imagéticos. Concluimos que as características esportivas desempenham um papel fundamental nessa cobertura, e que a deficiência é exposta, com o atleta representado, em geral, nas fotografias, em plano médio.

Palavras-chave

Daniel Dias; Atleta Paralímpico; Jornais Impressos; Representação.

1. Introdução

Nos últimos vinte anos a cobertura midiática do esporte passou por um processo de espetacularização e o esporte tornou-se mercadoria. Contudo o esporte para pessoas com deficiência não é tão valorizado e continua sendo marginalizado, principalmente porque os atletas não correspondem aos ideais de fisicalidade (visão socialmente aceita da eficiência física), masculinidade (inclui agressividade, independência, força e coragem) e sexualidade (definida como uma visão aceita e esperada de comportamentos sexuais). Os indivíduos que não seguem as “normas” prescritas relativamente à aparência ou comportamento são alvos de tratamentos diferenciados, que variam de acordo com o período histórico e valores culturais.

Lippmann em 1922 foi pioneiro, nas ciências sociais, ao formular o conceito de estereótipo. Segundo o autor, quando nos aproximamos da realidade, não vemos primeiro

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Comunicação pelo Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsita Capes.
tatiانهilgemberg@gmail.com

para depois definir, mas primeiro definimos e depois vemos, ou seja buscamos em nosso aparato cultural a classificação na qual o indivíduo se insere. Isso significa que os estereótipos se formam a partir de sistema de valores individuais e têm como função organizar e estruturar a realidade.

Gilman (1985) afirma ainda que os estereótipos são representações brutas do mundo, eles perpetuam uma noção de diferença entre o “eu” e o “outro”, e ratifica a ideia de Lippmann de que não são nem aleatórios nem pessoais, são, sim, produtos da história e da cultura.

Ao analisarmos os estudos sobre grupos minoritários percebemos que grande parte dos mesmos trata o conceito de estereótipo atrelado à questão racial ou de gênero, com raríssimos trabalhos relacionados à questão da deficiência, isso evidencia a importância do tema.

O estudo em questão pretende apresentar e discutir, através de análise de conteúdo, as representações do atleta Daniel Dias tanto em relação aos estereótipos associados quanto em termos imagéticos. Analisamos a cobertura dos Jogos Paralímpicos de 2012, de 28 de Agosto a 10 de Setembro, nos jornais impressos Folha de S. Paulo, O Globo, Zero Hora, e Estado de Minas. Selecionamos apenas as notícias, reportagens, fotolegendas e entrevistas cujo foco fosse o(as) atleta(s) paralímpico(s) excluindo, portanto, artigos opinativos, cartas ao editor, crônicas e editoriais.

Relativamente à imagem analisamos a cobertura fotográfica do atleta nas seguintes categorias:

1. Ângulo da fotografia:

- 1.1) Plano Geral no qual o corpo inteiro do atleta é mostrado;
- 1.2) Plano Médio apresentando o corpo da cintura para cima;
- 1.3) Plano Americano em que o corpo é mostrado do joelho para cima;
- 1.4) Close, ângulo no qual somente o rosto ou cabeça do atleta é mostrado;
- 1.5) Plano Detalhe que apresenta foco em algum pormenor da imagem ou foca em uma parte específica do corpo do atleta.

2. Apresentação da Deficiência:

- 2.1) Deficiência visível, ou
- 2.2) Invisível na fotografia.

Já com relação aos estereótipos, identificamos uma série de slogans que se associavam ao atleta Daniel Dias que foram agrupados nas seguintes categorias:

1. Esportivo Geral;
2. Esportivo Paralímpico;
3. Médico;
4. Características Heroizantes;
5. Características Vitimizadoras;
6. Comparação com Atletas sem Deficiência;
7. Genérico;
8. Valor do Esporte Paralímpico;
9. Preconceito.

2. Breves considerações sobre a representação da deficiência nos meios de comunicação

Apesar da maior espetacularização e maior cobertura midiática está claro para nós que há pouca literatura científica nas ciências sociais relacionada diretamente à análise da “midiatização dos atletas com deficiência”. Isso explica a importância de trabalhos de autores como Schantz e Gilbert (2001) que foram pioneiros na Europa e internacionalmente.

Em 1998 Bös e Kauer (apud LEBERSONG e DINOLD, 2012) afirmaram que deficiência e cobertura midiática ainda estão no início de sua cooperação. Esses autores identificaram três formas de representar a pessoa com deficiência nos jornais. O primeiro tipo lida com o medo latente da anormalidade e a deficiência é alvo para tornar as matérias mais interessantes e lucrativas. O segundo tipo foca no indivíduo com deficiência a partir de duas áreas: primeiro o modelo médico da deficiência, e segundo a perspectiva individual que as apresenta como vítimas. E o terceiro tipo trata das conquistas especiais.

De acordo com Léséleuc (2012) existem cinco conceitos recorrentes na análise de como atletas estigmatizados são representados pela mídia: Trivialização, é usada para categorizar os elementos dos artigos ou ilustrações que não apresentam os atores em situações esportivas, como por exemplo evocando sua infância, amores, maridos ou esposas, etc.; Infantilização, usada para categorizar elementos referentes a situações da infância do atleta; Feminilização ou sexualização, é usada para categorizar os elementos

referentes a características do estereótipo feminino, como por exemplo usar maquiagem, vestidos, focalização em partes do corpo com conotação sexual; Esportivização, raramente formulada, mas definida como elementos que representam as atitudes esportivas individuais; Marginalização, ou discriminação ou estigmatização, é usada quando um certo número de processos são destacados e levam a um tratamento desigual.

Sobre o esporte paralímpico o estudo realizado por Thomas e Smith (2003), que analisou 62 artigos de quatro jornais britânicos a fim de examinar a terminologia usada para descrever os atletas com deficiência, e a linguagem utilizada para descrever a performance dos atletas, concluiu que algumas matérias reafirmavam as conceitualizações tradicionais ou dominantes da deficiência. A imprensa britânica representou os atletas paralímpicos como se os mesmos almejassem o sucesso dos atletas sem deficiência, e foram encontradas algumas evidências de que a cobertura fotográfica negava a deficiência dos atletas. Outro estudo relevante é o de Schantz e Gilbert (2001) que analisaram a cobertura dos Jogos de Atlanta em 1996 pela imprensa Francesa e Alemã, concluindo que a maioria das matérias não enquadraram os Jogos Paralímpicos como um evento sério. A maioria dos jornais também tentou realizar uma cobertura simbólica que focou no espetáculo ou imagem. Ao contrário dos resultados de Thomas e Smith (2003), Schantz e Gilbert (2001) concluíram que para além do tema nacionalismo, os jornais conservadores dedicaram menos espaço aos Jogos do que os jornais liberais, e os jornalistas ainda focaram primeiramente na deficiência e não no atleta.

Reichart e Myazhiom (2012) também apresentam dados interessantes de seu estudo das representações dos atletas paralímpicos pelo jornal francês L'Equipe de 1960 a 2004. A primeira representação encontrada é a de uma pessoa com deficiência que pratica esporte sob uma perspectiva médica e integracional, ela é sujeita a uma representação biográfica que mostra a situação trágica e desafortunada caracterizada pela exclusão e estigmatização. Ser deficiente significa que a pessoa está socialmente morta e a única forma de “ressuscitá-la” seria através do esporte. Os esforços e devoção do atleta com deficiência são vistos como forma de resiliência ou de enfrentar a própria deficiência, ele é cercado por uma narrativa que (re)conta sua vida trágica e que com coragem e bravura superou, resultando em sucesso social, esportivo e profissional, sinônimo de integração. Há dramatização de sua biografia focando nas qualidades associadas com coragem e superação: o super-humano. Outra representação, também apresenta o atleta paralímpico como alguém que com coragem, supera a si mesmo na prática esportiva, a fim de atingir melhor desempenho.

Nesse caso não se poupa o uso de superlativos. Gradualmente a ideia de transformar esses corpos vistos como diferentes, corpos que são mais do que competitivos em heróis míticos foi crescendo.

Sendo assim, estes atletas tendem a ser retratados como “vítimas” ou pessoas “corajosas” que “superaram” o próprio “sofrimento” da deficiência para participar em um evento desportivo, um “super-herói”. Ato considerados usuais não são comuns para esses indivíduos, pois se os desempenha com destreza e independência provocam admiração semelhante à de um mágico que tira coelhos da cartola; ao mesmo tempo seus menores erros podem ser interpretados como causados pelo seu atributo diferencial (GOFFMAN, 1988).

3. Daniel Dias em papel de jornal

Nos jornais analisados encontramos 106 matérias referentes a atletas paralímpicos, delas 27 (25,5%) tinham seu foco o esportista Daniel Dias; e das 87 fotografias analisadas 23 (26,4%) retratavam esse atleta, sendo, então, Daniel, o atleta mais representado. Tal pode ser explicado pelo número de vitórias, e conseqüentemente de medalhas, conquistadas por esse atleta. Conforme diversos estudos (FIGUEIREDO e NOVAIS, 2009; PEREIRA, 2008; SCHANTZ e GILBERT, 2001; SCHELL e DUNCAN, 1999) no que tange a prática esportiva os resultados são os temas mais valorizados e presentes na cobertura midiática.

Atualmente, a análise do tratamento midiático dado aos atletas com deficiência permanece ancorado na visão moderna de mundo com seus mitos de alto rendimento, êxtase de movimentos e coragem exigida dos atletas em suas performances. Na verdade, a “mídiatização” das pessoas com deficiência ainda está baseada em estereótipos oriundos das representações sociais prevalecentes entre o público em geral, e o corpo do atleta com deficiência continua sendo um corpo percebido através de seus limites, incapacidades e deficiências. Pode-se dizer que projetamos em um corpo mutilado, ou um corpo equipado com prótese o lado negro de cada um de nós. Esse corpo lesionado e incompleto testemunha uma subjetividade particular e ilumina certos aspectos subestimados e perturbadores da humanidade. O indivíduo com deficiência lembra às pessoas sobre a insuportável fragilidade do ser.

As imagens, no nosso caso as fotografias midiáticas, são discursos sociais e constructos culturais. A fotografia jornalística não é apenas um registro natural, há um

conjunto de decisões formais envolvidas ao se registrar um evento, como por exemplo o uso de diferentes tipos de lentes, o ângulo, o enquadramento e outros que nos mostram também as decisões editoriais. Ou seja, “São construções mentais, possibilitadas pela percepção dos objetos contidos nos mundos físico, social e cultural” (SIQUEIRA e SIQUEIRA, 2011, p. 659). Essas imagens são, da mesma forma, resultados da maneira com que percebemos a vida social e estão embebidas de conceitos com o intuito de direcionar o receptor para determinado comportamento ou leitura (FLUSSER, 1985). Quando as fotografias são “construídas” e veiculadas, são enquadradas através de ideologias. Quem está enquadrado, quem não está, e como são apresentados expõe importantes mensagens ao consumidor.

Adelman (2003), nesse contexto, diz que a representação dos atletas na mídia, indica que essas imagens culturais, com todo o fascínio e poder que exercem sobre o imaginário social, constituem um importante espaço de produção discursiva, que apresentam contradições e ambiguidades. Essas imagens são mediações entre o homem e o mundo, ou seja, as imagens têm como objetivo representar o mundo (FLUSSER, 1985) de acordo com determinadas lentes.

Tabela 01. Análise da cobertura fotográfica*

Ângulo da fotografia				
Plano Geral	Plano Médio	Plano Americano	Close	Pose
9%	74%	4%	13%	0%
Apresentação da deficiência				
Visível		Invisível		
78%		22%		

*Os valores em porcentagem foram arredondados.

Podemos verificar pela Tabela 01 que Daniel Dias foi retratado, na maior parte das fotografias em plano médio, ou seja da cintura para cima, e em cerca de 78% dos casos sua deficiência era visível e identificável.

Schantz e Gilbert (2001) analisaram oito jornais impressos na França e na Alemanha durante do período dos Jogos Paralímpicos de Atlanta 1996, seus resultados mostraram, entre outros, que a cobertura fotográfica tendia a esconder a deficiência dos atletas paralímpicos. Buysse e Borcharding (2010), por sua vez, analisaram 12 jornais impressos de cinco países durante os Jogos Paralímpicos de Pequim 2008 e chegaram também à conclusão de que a deficiência do atleta era invisível em 61% dos casos, e quando era visível os atletas cadeirantes eram os mais representados, em 46% dos casos. Nosso estudo vai de encontro a esses resultados, uma vez que o corpo do atleta Daniel Dias foi

apresentado e sua deficiência não foi escondida, lembrando ainda que o esportista não é cadeirante, e sim amputado.

Tabela 02. Slogans associados ao atleta Daniel Dias

Esportivo Geral	42,4%
Esportivo Paralímpico	27,1%
Médico	13,6%
Características Heroizantes	6,8%
Características Vitimizadoras	0%
Comparação com Atletas sem Deficiência	6,8%
Genérico	1,7%
Valor do Esporte Paralímpico	1,7%
Preconceito	0%

Em diversos estudos sobre o esporte adaptado (FIGUEIREDO e NOVAIS, 2009; THOMAS e SMITH, 2003; SCHANTZ e GILBERT, 2001), os estereótipos mais encontrados foram o “coitadinho” e o “super-herói”. O estereótipo do “super-herói” personifica a imagem popular da deficiência como algo que deve ser superado, ao invés de aprender a ajustar-se a ela. Tal modelo pode ser considerado pela imaginação popular como sendo uma imagem positiva por conta de suas “proezas super-humanas”, contudo, na verdade, não faz nada além de minar a construção cultural da deficiência, sem falar sobre os obstáculos objetivos. É de se notar, contudo, que existem dois tipos de “super-heróis”: aqueles que conseguem realizar tarefas mundanas, e rotineiras sem auxílio, o que mostra que não é esperado que as pessoas com deficiência consigam fazê-las; e o “super-herói” que tem performances acima da média (atletas de alto nível) (KAMA, 2004). O estereótipo do “coitadinho” é baseado em um processo de objetificação, onde a pessoa com deficiência torna-se a personificação de sua própria deficiência. Sua existência depende do sentimento de pena que despertam. A mídia transmite dois tipos de mensagens, que são contraditórias. De um lado, histórias de sucesso, que exemplificam a capacidade dessas pessoas em gozar amplamente da vida; de outro, essa mensagem cria expectativas de que nem todos podem concretizá-la.

Nosso estudo vai na contramão de outras pesquisas realizadas sobre o tema. Na cobertura dos Jogos Paralímpicos de 2012 os slogans associados ao atleta Daniel Dias tratavam de suas características esportivas (42,4% ‘Esportivo Geral’), como por exemplo,

“(…) com grandes chances de garantir ouro”³, “A estrela das piscinas (…)”⁴. Nessa categoria não se especifica se o atleta é olímpico ou paralímpico, e elementos como chances de medalha, currículo esportivo do atleta são enfocados. Além disso, o segundo slogan com maior ocorrência é o ‘Esportivo Paralímpico’, que se diferencia do anterior unicamente pelo fato de identificar que o atleta é paralímpico, como por exemplo ao indicar que o mesmo figura “(…) entre os maiores da paranatação do país”⁵, ou que é “(…) o brasileiro com mais vitórias em Paralimpíadas”⁶.

Esses resultados demonstram que a cobertura dos Jogos Paralímpicos assemelha-se cada vez mais à dos Jogos Olímpicos, em que os resultados e desempenhos dos atletas são os pontos mais importantes. O fato de Daniel Dias, ser, efetivamente, um atleta de ponta com um grande número de resultados positivos, além de ter conquistado doze medalhas na última edição da competição, fez com que suas características esportivas tenham sido mais desenvolvidas ao longo da cobertura.

No entanto, quando continuamos nossa análise percebemos que os slogans médicos vêm logo a seguir com 13,6% de ocorrências, nessa categoria a deficiência do atleta fica em evidência. O que nos intrigou nesse ponto foi a presença constante, em várias matérias de um mesmo jornal, da condição de deficiência do atleta, com especificações e, muitas vezes, linguagem médica, ou seja, durante toda a cobertura o tipo de deficiência do atleta veio à tona. Daniel Dias foi apresentado no jornal Folha de S. Paulo, em quatro edições, como aquele “(…) que nasceu com má-formação nos braços e na perna direita”⁷, assim também no O Globo “(…) nasceu com má-formação congênita dos membros superiores e da perna direita”⁸; no Zero Hora afirmou-se que o atleta possui “(…) má formação congênita dos membros superiores e da perna direita”⁹; e o Estado de Minas reforça que o mesmo “(…) nasceu com má-formação congênita dos membros, sem os braços e uma das pernas”¹⁰. De acordo com Clogston (1990) o modelo médico dá uma ideia de deficiência como doença ou disfunção, causando um estado de dependência e passividade.

Outra categoria que diminui o atleta e suas conquistas é a comparação com atletas sem deficiência (6,8%). O mesmo ocorre com atletas mulheres e com o esporte feminino, que muitas vezes são comparadas a homens e ao esporte masculino (BLINDE,

³ Folha de S. Paulo, 28 de Agosto de 2012.

⁴ Zero Hora, 28 de Agosto de 2012.

⁵ Folha de S. Paulo, 28 de Agosto de 2012.

⁶ O Globo, 05 de Setembro de 2012.

⁷ Folha de S. Paulo, 28/31 de Agosto de 2012; 04/08 de Setembro de 2012.

⁸ O Globo, 29 de Agosto de 2012.

⁹ Zero Hora, 05 de Setembro de 2012.

¹⁰ Estado de Minas, 29 de Agosto de 2012; 08 de Setembro de 2012.

GREENDORFER e SHANKER, 1991). Em nosso caso o esporte olímpico é tido como o padrão, não se compara um atleta olímpico a um paralímpico, não importa quão bem sucedido o último seja.

Daniel Dias foi comparado, é claro, ao nadador olímpico Michael Phelps, “Apelidado de Phelps brasileiro (...)”¹¹; “Daniel “Phelps” Dias”¹², como uma forma de legitimar suas conquistas. Contudo essa categoria apresentou poucas ocorrências.

Quando associado à pessoa com deficiência o estereótipo de “super-herói” deixa a impressão de que o indivíduo, para se ajustar, terá de fazer algo extraordinário ou realizar um esforço heróico para compensar a sua limitação (SCHELL e DUNCAN, 1999). O modelo do “super-herói” viria reforçar as baixas expectativas da sociedade acerca das pessoas com deficiência (HARDIN e HARDIN, 2004), e enfatizar o esforço individual dessas pessoas para se adaptarem; como se ter uma deficiência fosse culpa das mesmas (SCHANTZ e GILBERT, 2001). O que depende-se deste discurso é que as pessoas sem deficiência, quando bem sucedidas nos seus empreendimentos, alcançariam o sucesso pelo talento ou pela inteligência; enquanto aquelas que têm alguma deficiência o teriam feito pela necessidade de compensar o ‘mal’ que os aflige (MARQUES, 2001).

Diversos estudos demonstraram que esse é um dos estereótipos mais associados ao atleta paralímpico, no entanto, não foi o que encontramos em nosso estudo. Apenas 6,8% das ocorrências traziam características heroizantes, como “(...) determinação e humildade (...)”¹³, ou apresentando o atleta como “(...) exemplo de superação (...)”¹⁴, e na própria fala de Daniel que se vê como fonte de inspiração “(...) espero que outras pessoas possam se inspirar em mim (...)”¹⁵.

É interessante notar que o herói pós-humano é um atleta capaz de controlar o “Corpo/Carne” de acordo com três princípios, a “Mente”, a “Palavra” e a “Tecnologia”, os quais transformam esses corpos que estão se tornando cada vez mais protéticos (CHARBONNIER e POPESCU, 2012).

Nas histórias contadas pela mídia, a força de vontade do herói deficiente habilita-o a triunfar sobre a fraqueza do corpo físico. Assim a “Mente” vinga-se do azar. Não é de surpreender ao leitor que o herói com deficiência seja dotado de numerosos valores morais, nos quais a coragem prevalece, seguidos do espírito de luta, perfeccionismo, humildade,

¹¹ O Globo, 31 de Agosto de 2012.

¹² Zero Hora, 05 de Setembro de 2012.

¹³ Estado de Minas, 29 de Agosto de 2012.

¹⁴ Estado de Minas, 8 de Setembro de 2012.

¹⁵ Estado de Minas, 8 de Setembro de 2012.

empatia. O segundo princípio de controle do corpo é a “Palavra”. As palavras são destinadas a suplantar a deficiência para que o atleta possa transcender-se; o poder do discurso assume ares bíblicos. O que está sendo construído aqui, de um ponto de vista retórico, é a imagem do atleta com deficiência – uma complexa representação no cruzamento entre a representação midiática e o *ethos* que o atleta tenta transmitir, ou seja, a imagem que ele quer dar sobre si mesmo. A pressão social, com a qual a mídia lida e expande, parece exigir que esses atletas tornem-se modelos para os deficientes e não-deficientes.

O terceiro princípio de controle do “Corpo”, a “Tecnologia”, transforma corpos protéticos dos atletas com deficiência em cyborgues pós-humanos, ilustrando assim a velha analogia corpo-máquina. As capacidades super-humanas dos heróis com deficiência prenunciam o futuro aumentado e a sinestesia da realidade humana graças ao corpo dotado de capacidades sensoriais desconhecidas. Os dois primeiros princípios podem ser encontrados em nossa análise.

De acordo com Moura (1993, p.46) tanto o olhar de piedade quanto o de admiração parte de um único princípio, o preconceito.

[...] tanto aquele que foi marginalizado pela visão pública de deficiência como aqueles que conseguiram [...] [se] mostrar em condições de competitividade são de certa forma vistos publicamente como elementos não humanos: um pela sua história e seu modo precário de vida, como elemento sub-humano, o outro pelo inverso da mesma moeda – da deficiência – como um super-humano.

Ao não focar na performance desses atletas como atléticas, e representa-los como objetos de pena, esse tipo de cobertura paternalista reforça a mensagem de que os atletas com deficiência, e portanto as pessoas com deficiência em geral, são incapazes de fazer qualquer coisa digna de reconhecimento.

Outro ponto interessante de ser levantado é a completa ausência de características vitimizadoras que indicariam o estereótipo do coitadinho. Daniel Dias, conforme dito anteriormente, é um atleta com currículo vitorioso, por esse motivo não foi visto como vítima pelos jornais analisados.

Os atletas com deficiência não se encaixam em um mundo no qual o corpo perfeito é o ideal, e a negação é ainda maior quando se trata de deficiências consideradas tabus e que causam mais aversão. Assim, cadeirantes ou amputados, como são as deficiências mais comumente representadas em geral, não provocam tanta aversão apesar de sua deficiência aparente. O maior problema é a reserva e incerteza dos jornalistas.

Outra interessante questão é a representação da vitória e fracasso desses atletas. Ao contrário do que acontece nos esportes para pessoas sem deficiências, onde, por exemplo, o fracasso é apresentado como uma perda trágica, nas Paralimpíadas os comentários parecem ser rasos. Quando certo atleta ou equipe perde, a imprensa sugere que o perdedor deve ser grato pela experiência Paralímpica, este é um caso claro de os paratletas serem retratados como “outros”, como atletas menos-do-que-capazes. Ao tentar entender de que forma a deficiência era socialmente construída através da análise de perfis de atletas paralímpicos que foram ao ar nos programas *60 Minutes* e *Australian Story*, na televisão australiana antes dos Jogos de 2008, Ellis (2009) conclui que a cobertura midiática invocava o discurso de caridade, relatando que os atletas estavam felizes em apenas participar dos jogos ao invés de focar na busca por uma medalha de ouro. Scheel e Duncan (1999) encontraram resultados similares ao analisar a cobertura das Paralimpíadas de 1996 pela CBS, em que os comentaristas geralmente afirmavam que os competidores deviam ser gratos pela experiência paralímpica.

Aqui o valor do esporte paralímpico teve apenas uma ocorrência, mostrando diferença entre os estudos anteriores.

4. Considerações finais

Nos últimos dez anos houve um aumento no número de pesquisas, e pesquisadores, que enfocam a questão da deficiência. Este número, no entanto, é considerável apenas nos Estados Unidos e Europa, ficando o Brasil muito aquém nesse ramo de pesquisa. Ainda levará algum tempo para que a deficiência transforme-se em uma categoria de análise cultural, histórica, humana, etc., com a mesma importância, ou status, de gênero e raça.

Com este estudo percebemos mudanças na cobertura esportiva paralímpica, com maior utilização de slogans esportivos (69,5%, se considerarmos os slogans Esportivo Geral e Esportivo Paralímpico), que vai de encontro a muitas investigações que sugerem que os atletas com deficiência são representados de forma negativa pelos meios de comunicação em geral – impresso, rádio, televisão –, através do uso de terminologia inadequada, e de estereótipos que enfatizam a deficiência e não o atleta.

Ao retornarmos ao nosso objetivo principal neste artigo, ou seja, analisar a representação do atleta paralímpico Daniel Dias durante os Jogos Paralímpicos de 2012, chegamos à conclusão de que os valores e características esportivas desempenham um

papel fundamental nessa cobertura. No entanto a presença ainda forte do modelo médico bem como a comparação ainda presente entre atletas paralímpicos e olímpicos, como uma forma de legitimação dos primeiros nos remetem a uma representação ambígua que de um lado constrói uma imagem esportiva do atleta, mas de outro reforça os estereótipos da deficiência. No entanto percebemos que, cada vez mais, a cobertura dos Jogos e a representação do atleta paralímpico, está parecida com a de atletas e esporte para pessoas sem deficiência.

A análise das fotografias nos revelou que o corpo com deficiência foi apresentado, talvez pelo fato de a amputação ser uma das deficiências mais comumente representadas. Contudo é interessante notar que o atleta apresenta má-formação nos braços e em uma das pernas, como a maior parte das fotografias apresentava-o em plano médio apenas parte de sua deficiência era apresentada. Também é de se notar que Daniel Dias é um atleta da natação, ou seja, as imagens em que o atleta aparece na piscina tende a mostrá-lo em plano médio.

Para se chegar a uma conclusão mais definitiva, era necessário realizar uma análise longitudinal e comparando-a com a cobertura de atletas e Jogos Olímpicos.

5. Referências bibliográficas

- ALDELMAN, Miriam. A mulher como instrumento de poder no esporte de rendimento. In: III Fórum de Debate sobre Mulher & Esporte: Mitos e Verdades, 2004, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 2004, p.31-37.
- BLINDE, E. M.; GREENDORFER, S. L.; SHANKER, R. J. Differential Media Coverage of Men's and Women's Intercollegiate Basketball: Reflection of Gender Ideology. **Journal of Sport and Social Issues**, 15: 98, 1991.
- BÖS, K.; KAUER, O. **Behindertensport in den Medien**. Aachen: Meyer & Meyer, 1998 apud LEBERSONG, J.; DINOLD, M. The Austian Press – Media coverage during the 2008 Beijing Paralympic Games. In: SCHANTZ, O.; GILBERT, K. (Eds.). **Heroes or Zeroes? The media's perceptions of Paralympic sport**. Illinois: Common Ground Publishing LLC, 2012.
- BUYSSE, J. A. M.; BORCHEDING, B. Framing Gender and Disability: A Cross-Cultural Analysis of Photographs From the 2008 Paralympic Games. **International Journal of Sports Communication**, v. 3, p. 308-321, 2010.
- CHARBONNIER, L; POPESCU, C. Disabled Heroes in the Media. . In: SCHANTZ, O.; GILBERT, K. (Eds.). **Heroes or Zeroes? The media's perceptions of Paralympic sport**. Illinois: Common Ground Publishing LLC, 2012.
- CLOGSTON, J. S. **Disability Coverage in 16 Newspapers**. Louisville: Advocado Press, 1990.

ELLIS, K. Beyond the Aww Factor: Human interest profiles of Paralympians and the media navigation of physical difference and social stigma. **Asia Pacific Media Educator**, 19, 2009.

FIGUEIREDO, T.; e NOVAIS, R. A Antiguidade ainda é um posto? Os momentos de vitória nos Paraolímpicos de Pequim. **XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Intercom, São Paulo, 2009.

FLUSSER, V. **Filosofia da Caixa Preta**: Ensaios para uma future filosofia da fotografia. São Paulo: Editora Hucitec, 1985.

GILMAN, S. *Difference and Pathology: Stereotypes of Sexuality, Race and Madness*. Londres: Cornell University Press, 1985.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Trad.: Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rev. téc.: Gilberto Velho. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1988.

HARDIN, M.; HARDIN, B. The Supercrip in sport media: Wheelchairs athletes discuss hegemony's disabled hero. **Sosol**, 7. 2004. Disponível em: <http://physed.otago.ac.nz/sosol/v7il/v7il.html>. Acesso em 15 Mar. 2008.

KAMA, A. Supercrip versus the pitiful handicapped: reception of disabling images by disabled audience members. **Communications**, 29, p. 447-466. 2004.

LÉSÉLEUC, E. A Way Forward – Researching international perspectives on media and the Paralympics. In: SCHANTZ, O.; GILBERT, K. (Eds.). **Heroes or Zeroes?** The media's perceptions of Paralympic sport. Illinois: Common Ground Publishing LLC, 2012.

LIPPMANN, W. **Public Opinion**. New York: Macmillan, 1922.

MARQUES, C. A. **A imagem da alteridade na mídia**. 2001. 248p. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura)-Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.2001.

MOURA, L. C. M. **A deficiência nossa de cada dia**: de coitadinho a super-herói. São Paulo: Iglu, 1993.

PEREIRA, O. **Representações Sociais dos Atletas Paralímpicos nos Media Impressos Portugueses** – estudo efectuado em dois Jornais Diários Generalistas e dois Jornais Diários Desportivos. Porto: O. Pereira. Dissertação apresentada às provas de Mestrado em Ciências do Desporto FADEUP. 2008.

REICHART, F; MYAZHIOM, A. C. L. Media Coverage of the Paralympic Games from 1960 to 2004 by the Sport Newspaper 'L'Equipe' – Change in event an participation representation. In:

SCHANTZ, O.; GILBERT, K. (Eds.). **Heroes or Zeroes?** The media's perceptions of Paralympic sport. Illinois: Common Ground Publishing LLC, 2012.

SCHANTZ, O.; GILBERT, K. An Ideal Misconstrued: Newspaper coverage of the Atlanta Paralympic Games in France and Germany. **Sociology of Sport Journal**, 18, p. 69-94. 2001.

SHELL, L.; DUNCAN, M. A Content Analysis of CBS's Coverage of the 1996 Paralympic Games. **Adapted Physical Activity Quarterly**, 16, p. 27-47. 1999.

SIQUEIRA, E. D.; SIQUEIRA, D. C. O. O corpo como imaginário da cidade. **Revista Famecos**, V. 18, n. 3, p. 657-673, 2011.

THOMAS, N.; SMITH, A. Preoccupied with able-bodiedness? An analysis of the 2002 Manchester Commonwealth Games: an exploratory analysis of British newspaper coverage. **Sport Education and Society**, 10, p. 49-67. 2003.